

TOM JOBIM NO PAREDÃO

Minha vida sempre foi compor. Pra deixar de fazê-lo, só se trocasse a composição pela felicidade

Reportagem de David Ringel
Foto de Ronaldo de Almeida

Dinheiro, fama, mais dinheiro, nada muda Tom Jobim. Não ninguém nunca poderá dizer que "o Tom não é mais saudável". Porque ele continua sempre o mesmo. Cara de garoto, olhar perdido, o riso bom e a fala simples — sobretudo o jeito e a fala simples — continuam. Morador eterno de Ipanema, de onde nunca saiu e não vai para seus estúdios na Califórnia, em Nova Iorque e em Londres, anda agora mais esbelta, mais como seu pai. "Que está muito diferente" e também entrou naquela que Tom chama de rã de aço, as ruas antigadas de Rotterdam e da Itália. Até a parca Rita Montenegro, onde nasceu a Carlota de Ipanema, está nessa. E já não se pode tomar um chape saggado no Veloso batando um papinho manso com um amigo, que os curvas não deixam ouvir nada. Só aos berros. "Mas assim também não dá, que ninguém é de ferro."



"Se Sinatra pertencesse à Máfia, certamente não me diria. Pessoalmente, acredito que não"



CIRO MONTEIRO

— Nossa música é aceita, realmente, nos Estados Unidos?

— É, meu querido. Nossa música é muito bem aceita, e não é de hoje. Que eu me lembre, desde o tempo de Carmem e do Bando da Lua. Lá ouvi de Ari e Dorival até Edu e Dori. O fenômeno se processa em ondas. Houve o tempo do *Tico-Tico no Fubá* (fiúba), o dos boleros mexicanos, da canção francesa, dos tangos, da bossa nova, sem falar das ondas locais. Na última vez que estive nos Estados Unidos ouvi, dentro de um elevador, a *Casinha Pequena*, em música funcional. Sai pra rua perplexo e quase fui atropelado. Como diria Jaime Ovalle, "é o pobre ajudando o rico".

— *Estou saudoso daquela dupla famosa. Porque você não faz mais nada com o Vinícius de Moraes?*

— Temos tentado trabalhar, mas muita coisa não ajuda.



ILKA SOARES

— Qual o artista brasileiro que poderia fazer sucesso agora no exterior?

— Ilka, minha querida, o mundo está ficando cada dia menos preparado para o Brasil. Mas de qualquer maneira levo uma fêzinha em Jorge Ben, Milton Nascimento e Carlos Drummond de Andrade.

— *Você, que é tão amigo do Sinatra, pode tirar uma dúvida: ele é ou não da Máfia?*

— Calma, eu não sou tão amigo de Sinatra. Apenas gravei com ele dois discos. Para isso, estive em sua companhia no estúdio e em sua casa. Portanto, não posso me

considerar seu amigo e nem tenho elementos para responder. Certamente, se Sinatra pertencesse à Máfia, não me diria. Particularmente, eu acho que não. É um rapaz (um senhor...) muito simpático.



JANET CLAIR

— A que você atribui a evasão para o estrangeiro de talentos musicais como Chico Buarque, Caetano, Gil?

— É simples. Processo de rejeição + tutu.

— *O que você acha dos novos rumos da música popular brasileira?*

— É a pergunta que mais me foi feita até hoje. Há, realmente, o talento de alguns, mas o que tenho notado mesmo é a importância, cada vez maior, da máquina. Tudo mudou. O processo de divulgação, o anúncio comercial, a industrialização, o marketing, a sociedade de consumo, sei lá o nome que derem, é de importância total. Quem se marginaliza nesse processo não consegue a penetração que a máquina proporciona. Ao mesmo tempo... é, é isso! Um exemplo: a outrora pacata Rua Montenegro, hoje, é um rio de aço (de automóveis). Da *Garôta de Ipanema* ao rio de aço, em poucos anos, a coisa mudou incrivelmente.



MARIA AUGUSTA

— Tom, há 15 anos atrás, eu, minha sócia Lígia Bastos e você tivemos uma conversa, numa rua de Copacabana. Dizíamos que queríamos ficar ricas para colocar você à frente de uma orquestra no Teatro Municipal. Lembra?

— Eu me lembro, Maria Augusta.

Você sempre foi muito carinhosa e de muito boas idéias. Depois daquele dia, tudo mudou. Eu viajei, e o Municipal ficou pra outra vez.

— *No seu disco com Sinatra, as vozes de vocês chegam a se confundir. Quem imitou quem?*

— Antônio Carlos Sinatra tentou imitar Francis Albert Jobim.



CLARICE LISPECTOR

— A fama invadiu sua vida particular?

— É como dizem os óbvios, Clarice, cria fama e deita-te na cama.

— *Você tem medo de deixar de compor?*

— Minha vida sempre foi compor. Pra deixar de fazê-lo, só se-trocasse a composição pela felicidade.



MACALÉ

— Tom, não tenho nada a perguntar a uma pessoa que eu sei que está por dentro de tudo. Em todo caso, lá vai. Qual era o papo que você levava com João Gilberto em relação às críticas ao movimento bossa nova?

— Macalé, naquele tempo, as críticas nos afetavam muito, principalmente, porque vivíamos numa precariedade de tudo e com incerteza e insegurança. Uma das maiores críticas à bossa nova era de que ela estaria influenciada pelo jazz. Hoje, em 1970, você vê como está a nossa música popular brasileira. E não se fala mais em influência.

— *Qual sua música mais importante, que lhe permitiu sair de uma e entrar noutra?*

— Se bem entendo sua pergunta, a música do plá foi *Chega de Saudade*, porque nós vínhamos naquela linha do samba-



canção, do sambolero, das orquestrações de cordas. De repente, o baiano João Gilberto deu aquela batida diferente de violão no disco *A Canção do Amor Demais*, que Elisete gravou com músicas minhas e de Vinícius. Então, todos saímos de uma e entramos noutra.

— Caro Sérgio, o entardecer é bom, o amanhecer também, as ondas do mar são boas, o mar é muito bom, as ondas da gente também (sobretudo de amor, felicidade e mesmo a tristeza, tão criativa) como o é um sorriso de criança. A lágrima de mulher eu prefiro mulher sorrindo. Ou melhor, mulher só rindo. Uma avenida bem movimentada... já tentei alguma coisa neste sentido, mas não creio que seja o meu forte. Não sou muito do rio de aço nem do Rio de Aço.

— Acho Vinícius de Moraes o maior poeta vivo brasileiro. Se ele não existisse, quem você gostaria de ter como parceiro, dentre os intelectuais brasileiros?

— William Shakespeare.



NINA CHAVS

— A maior parte de seus amigos artistas já foi chamada a prestar contas do seu pensamento político. Você passou em brancas nuvens. Isso significa que você não é contra, nem a favor, mas muito pelo contrário?

— Nina, o globo gira sempre para a direita...

— Tom, você que morou muito tempo nos Estados Unidos, o que considera o grande desafio norte-americano?

— Nina, mais valia que não tivesses me perguntado esta.



EVANDRO CASTRO LIMA

— O artista deve ser instruído sobre a missão a cumprir na arte, ou fazê-la como sente?

— Evandro, eu faço como sinto, e acho que a maioria também. Agora, a máquina, hoje em dia, tem grande importância. Sinto que ela está cada vez mais poderosa.

— Qual de nossos artistas faz música para a posteridade?

— A música popular sendo tão efêmera, eu me permito recorrer à erudita e dizer que Vila-Lôbos fez música para a posteridade.

CABINHA

— Fora os sentimentos, o que mais o inspira? O entardecer, as ondas do mar, um sorriso de criança, a lágrima de mulher ou uma avenida bem movimentada?

— Tom, você, que adora pescar, quando é que vai se dedicar, definitivamente, à pesca?

Tom e Sinatra afinam bem. E essa afinidade beneficia não apenas o compositor e o cantor mas, sobretudo, a música brasileira, cada dia mais divulgada.

— Quando fôr abolido o quinto mandamento e quando a canoa estiver pronta.

— Você que resolve qualquer problema de matemática, acha que existe alguma solução matemática para o problema econômico do Brasil?

— Cabinha, acho que nós vamos precisar de um cérebro eletrônico.



CARLINHOS OLIVEIRA

— Esse medo horrível que você tem de avião é porque você se considera mais pesado do que o ar?

— Carlinhos, vou deixar nosso tio Camões responder por mim: "Este bicho da terra tão pequeno..."

— Tom, como você se sentiu, quando brincou no carnaval fantasiado de holandesa?

— Tudo o que me faltava era você de tirolesa. Carlinhos, velho, em vez da tirolesa, hoje até que você ficava melhor de baiana.



ARMANDO MARQUES

— Qual o seu pensamento com relação ao comportamento da chamada ala progressista dos bispos? A Igreja tem, no mundo moderno, mais deveres no campo temporal, espiritual ou em ambos?

— Eu acredito em Deus, mas estou confuso em relação à pergunta. Acho que a transformação industrial e brutalizante do universo criou problemas inteiramente novos para a Igreja. Ela, como nós, passa por um processo que nos confunde a todos e a ela mesma.

"Em tôda minha carreira, desde o início, sempre fui um homem de estúdio, um arranjador de background, atrás da cortina"

— Em nossas vidas, eu e você já nos identificamos uma vez. Você foi vaiado, estrepitosamente, quando da vitória de Sabiá no Festival da Canção. Eu sou vaiado sempre, somando-se ainda o côro tão conhecido. Para mim, a vaia é a mais legítima manifestação do público. E você, o que sentiu na hora, e a reação no seu ego?

— Eu também considero a vaia como a mais legítima reação popular. Sabiá era uma música tão brasileira como eu e meu parceiro Chico Buarque de Holanda. Por isso, não esperava a vaia. O que houve, e você deve lembrar muito bem, eram outras implicações que nada tinham a ver com a Sabiá. Assim, Armando, aceitei a única vaia que levei, como você aceita as suas.



ARLETE SALES

— Você acha que a música é invenção só da Terra, ou em outras galáxias ela também existe?

— Tenho certeza de que em outras galáxias ela existe.

— Tom, qual a pergunta que você mais gostaria de responder e que nunca ninguém lhe fez?

— Arlete, eu acho que já me fizeram tôdas as perguntas possíveis e imaginárias. Tôdas.



VINÍCIUS DE MORAIS

— Você trocaria, Tom, tôda a sua arte pela possibilidade de ser feliz? (Feliz no sentido de perfeitamente integrado na vida).

— Trocaria, trocaria mesmo. E creio que você também. Afinal de contas, nós estamos aqui pra quê?

— Muitas pessoas que conheço acusam você de abster-se diante de seu público, por uma questão de comodismo, para não dizer de egoísmo. Dizem eles que você não dá de volta, na medida em que deveria, tudo o que recebeu como consagração nacional e internacional. Achem que você tem o dever de dar-se mais, aparecer, fazer shows etc. Você concorda, discorda ou o quê?

— Eu acho, Vinícius, que não é, absolutamente, uma questão de comodismo. Não sou mesmo um *show-man*, um artista de palco, de público. Em tôda minha carreira, desde o início, sempre fui um homem de estúdio, um arranjador de background. Atrás da cortina. Agora, êsse negócio de não dar de volta, eu acho que a gente só pode fazer sucesso dando muito. Para compor, você tem que dar. Essa questão de aparecer, fazer shows etc., confesso que me sinto pouco à vontade em público ou em grandes auditórios. É uma questão mais de temperamento.



HÉLIO BELTRAO

— Tenho a impressão de que nos últimos tempos, e especialmente a partir da bossa nova, aconteceu com a música o mesmo que no futebol. Em cada fundo de quintal havia e há uma pelada, o que acabou produzindo, através da seleção natural, Garrinchas, Pelés e Tostões. Em cada casa, hoje, há pelo menos um garoto tocando violão. Em consequência dessa verdadeira explosão musical, o Brasil está produzindo e exportando música de excelente qualidade. Será que o Brasil acabará por apresentar música popular muito difícil de ser superada? Estou certo ou exagerando?

— Creio que há, realmente, novos Garrinchas, Pelés e Tostões na nossa música popular brasileira, ao lado da máquina. Naturalmente, tudo o que está sendo copiado do exterior não vai funcionar como produto de exportação, porque eles já têm. A cópia só é boa para o mercado interno. Não tenho notado uma música muito difícil. Nota-se que a grande preocupação é a simplificação na maneira de atingir o público em poucos segundos. As vezes até com truques. O futuro é uma incógnita, pois o contato com a máquina é cada vez mais sério. É

claro que os Garrinchas, Pelés e Tostões vão continuar florindo. Mas, com o desaparecimento do folclore, o advento do rádio transistor e a conseqüente transformação do interior do país, aliada à TV nas cidades, torna-se difícil saber o que vem por aí.

— Embora não o conheça pessoalmente, tenho por você antiga e profunda admiração, não só pela extraordinária qualidade de sua música, como pela sua autenticidade pessoal e pelo seu feito avesso à promoção. Em minha desautorizada opinião, a bossa nova abriu fase muito importante na história da música brasileira. Não apenas pelo refinamento, sem perder a condição de música popular, mas também pelo fato de lhe ter conferido condições de universalização, através de linguagem musical nova capaz de ser entendida lá fora. Você, muito responsável na deflagração desse processo, pode revelar qual o elemento novo, a contribuição especial, introduzida pela bossa nova, que transformou, tão rapidamente, nossa música em mercadoria de exportação em larga escala?

— Acho que os elementos novos foram o ritmo e a simplicidade. A bossa nova com João Gilberto trouxe grande inovação harmônica para nossa música. As letras também evoluíram muito, principalmente com Vinícius de Moraes; uma maneira nova de dizer as coisas. A simplicidade e a limpeza harmônica, sem que soubéssemos na época, já que a bossa nova era um fenômeno puramente local — começou no Rio de Janeiro —, se tornariam música de exportação que explodiria no exterior e que até hoje é muito tocada nos Estados Unidos. Outra coisa: naqueles tempos, havia muita calma para compor. O rio de aço ainda não tinha começado a fluir constantemente. Agora, êle só lateja nos sinais luminosos.



AÉRTON PERLINGEIRO

— Quem é mais importante para a música brasileira nos Estados Unidos, você ou Sinatra?

— Eu nos Estados Unidos e Sinatra no Brasil.

— O sucesso de Sinatra veio com a gravação de suas músicas?

— Mas, claro...